

Volume 12 – Colecção “Iberografias”

Título: *Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço*

Autor: João Tiago Pedroso de Lima

Direcção gráfica e capa: António Modesto

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A., 2008

Edifício Mota Galiza

Rua Júlio Dinis, 247 - 6º E1 4050-325 Porto

Telef.: 226 080 870 Fax: 226 080 880

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Centro de Estudos Ibéricos

Câmara Municipal da Guarda

Praça do Município

6300-854 Guarda

www.cei.pt

e-mail: cei@cei.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda

1.ª edição: Maio de 2008

Depósito legal n.º: 276186/08

ISBN: 978-989-625-299-1

Colecção: Iberografias – 12

Código do livro: 1.61.012

Apoios:



Existência e Filosofia

O ensaísmo

de Eduardo Lourenço

João Tiago Pedroso de Lima

Índice

“As ilhas e o arquipélago ou a nostalgia hegeliana” <i>António Pedro Pita</i>	9
Introdução	13
1. A Existência e a Tentação do Absoluto. Liberdade e Temporalidade num pensamento ensaístico	21
2. Experiência Religiosa e Limites do Discurso Teológico. A leitura de Sören Kierkegaard por um místico sem fé	45
3. A Ontologia Negativa em Fernando Pessoa	79
4. O Espelho Impossível ou reflexões entre Ensaio, Diário e Crítica	135
5. O <i>caso</i> Antero de Quental	177
6. Socialismo e Ética	205
7. Portugal: Mitos, Imagens e Destinos	235

As ilhas e o arquipélago ou a nostalgia hegeliana

*Em cada ilha, em cada momento do meu discurso,
está sempre presente essa totalidade impossível.*

EDUARDO LOURENÇO

A bibliografia sobre Eduardo Lourenço enriquece-se, agora, com a publicação de *Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço* de João Tiago Pedroso de Lima.

É, como se sabe, uma bibliografia já considerável. Seria mesmo oportuno tentar uma *arqueologia* desse interesse, que fosse além da imediata consciência de si em que as efectivas razões do fascínio lourenceano ficarão sem dúvida soterradas.

Tudo se passa como se o filósofo de nós-mesmos-como-ficção se houvesse tornado a mediação essencial para uma autognose inscrita no círculo da análise (por isso, ainda, ficção) mas, simultaneamente, exterior a esse círculo (por isso, conhecimento *real* da ficção).

Seja como for, o que antes de mais verdadeiramente importa no trabalho de Eduardo Lourenço – o qual, recordêmo-lo, apesar do fulgor da sua intervenção posterior ao 25 de Abril, remonta a meados dos anos 40 – é a sondagem de *uma singularidade*, quero dizer, o propósito de pensar Portugal fora de todo o cânone que o convertesse simplesmente em *caso* concreto de uma teoria geral ou em *indivíduo* de um género.

Por outras palavras: o primeiro momento do seu labor consistiu em dissolver o optimismo imanente às grandes construções sistemáticas (*ortodoxias*) não tanto na historicidade mas na *dramaticidade* delas próprias como

circunstâncias históricas. Por isso, este gesto de exteriorização global do Sistema – no rasto de Kierkegaard – impõe a Eduardo Lourenço a definição de um ângulo de leitura mas também, e principalmente, de um dispositivo de escrita e de transmissão.

Em várias oportunidades, Eduardo Lourenço tem regressado ao que é, a meu ver, o próprio tema do livro que ora se apresenta: não tanto as condições de uma belíssima escrita frequentemente encantatória mas sobretudo o privilégio ou a inevitabilidade ou a condenação do fragmento. O fragmento é a única expressão possível para a consciência – ou o sentimento – da suspeita das possibilidades de globalização da experiência.

A intotalização de princípio da experiência abandona tudo o que ocorre na história a uma tensão essencial entre a facticidade da insularidade e a nostalgia do arquipélago. E dramatiza de modos vários essa tensão. Esta situação, sem síntese e sem exterior, funda a consciência dos eventos como singularidade e a modalidade da expressão como fragmento ao mesmo tempo que inscreve a ficção como elemento insuperável daquela tensão constituinte.

O fragmento/o ensaio é a única expressão possível dessa intotalização de princípio: aquele ensaio que deveio infeliz depois de Montaigne e não recuperou a felicidade, a não ser enquanto mito, com António Sérgio e aquele fragmento (qual Roland Barthes do *Discurso Amoroso*) que transporta, no puzzle infinito que é o seu ordenamento, o princípio ou a nostalgia da ficção.

Por isso, esta obra de João Tiago Pedroso de Lima, que se ocupa da caracterização do ensaísmo de Eduardo Lourenço, ao arrancar da sua relação com a dialéctica hegeliana, pressupõe que a dissolução da sistematização hegeliana a partir de Kierkegaard é a operação decisiva do percurso teórico de Eduardo Lourenço. A descoberta de Pessoa ou a intranquila capacidade de se deixar descobrir pela imensa novidade da constelação heteronímica é, por outro lado, verdadeiramente fundamental para a determinação da novidade *conceptual* do discurso lourenciano: Pessoa é um acontecimento que obriga a uma transformação da filosofia, é uma aventura ontológica que só se deixa acompanhar por uma filosofia que, nas palavras de Badiou, pense “à altura de Pessoa”. Mas é a intrínseca articulação entre reconstrução do espaço filosófico sob a direcção do primado kierkegaardiano da singularidade e a modelação da filosofia sob o impacto da aventura ontológica

persoana que estabelece a configuração própria do seu ensaísmo. Configuração própria, quero dizer: o que o caracteriza como tensão entre a ilha e o arquipélago, o conhecimento e a nostalgia, o que nele se apresenta como filosofia desconfiada ou melancólica de si mesma ou como saber instalado “à beira-mar de Deus” sempre na iminência de grandes tempestades. Poeta perdido na filosofia ou filósofo perdido na poesia – como, dessa maneira ainda inscrita nas malhas de um persistente século XIX, Fernando Pessoa *já não foi* – Antero de Quental não encarna só a infelicidade de a poesia não ser filosofia e de a filosofia não ser mística mas também a suspeita de a ordem do discurso estar internamente modelada pela fascinação do silêncio.

Não é possível ler *Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço* sem recordar a cada passo a instância do tempo no pensamento de Eduardo Lourenço. Ou melhor: “o Tempo e o Ser. Não o Ser e o Tempo, porque o que me parece mais difícil de conceptualizar é essa nossa relação com o tempo”. Primeiro, porque a relação entre existência e filosofia é uma concretização particular do diferido projecto de Lourenço. De facto, sendo a existência essa relação com o tempo e a filosofia o discurso dessa relação, releva da especificidade deste pensamento do tempo que seja o ensaio (e não propriamente a filosofia) o discurso adequado. Depois, porque pensar o Tempo é, de certa maneira, pensar os acontecimentos como diferenças do Tempo: e neste sentido tudo o que ocorre implica do mesmo modo (a mesma intensidade, a mesma urgência, a mesma legitimidade) o trabalho do pensar.

O ensaísmo de Eduardo Lourenço é um *desvio* da filosofia: não é a filosofia mas é o ensaio, *porque singular e fragmentário*, que pode escrever como fomos excedidos¹.

João Tiago Pedroso de Lima não se limita a acompanhar um itinerário, navegando nas águas tranquilas da doxografia: constrói o percurso de Eduardo Lourenço. Isto é: mostra onde e como foi excedido. Onde e como o excesso, a ficção e a melancolia imaginam para nós, acima de tudo, aquilo que somos.

António Pedro Pita

¹ “Quem se olhou a fundo sabe que coisa alguma da sua vida, o pior e o melhor, dependeu totalmente da sua vontade. Colaborámos, bem ou mal, mas fomos excedidos.”